

4468

1619

“Máfia da Funai” demite o presidente Márcio Santilli

Brasília (AG) - O presidente da Funai, Márcio Santilli, entregou ontem sua carta de demissão ao ministro da Justiça, Nelson Jobim. A demissão foi aceita. Oficialmente, Santilli alegou razões pessoais para deixar o cargo. Mas numa conversa com Nelson Jobim na noite de anteontem, Santilli disse que deixaria o cargo por não conseguir suportar as pressões do que chamou de “máfia da Funai”, um grupo de funcionários que insiste em manter velhos métodos de cooptação de índios dentro da entidade.

Santilli classificou de máfia, entre outras coisas, a corrupção envolvendo funcionários da Funai e madeiros e mineradores, e até o empreguismo dentro da fundação, inclusive de índios. Santilli não citou nomes. A Funai tem 3.700 funcionários, sendo um terço (1.150) de índios, muitos deles já aposentados. Mais de 150 índios ocupam cargos de confiança e passam na Funai apenas para receber o salário.

Nos seis meses em que permaneceu no cargo, Márcio Santilli tentou acabar com uma antiga forma de propina existente dentro da Funai - o pagamento de diárias a índios que vem a Brasília, muitas vezes protestar contra a própria Funai.

A crise entre os índios e a Funai atingiu seu pior momento há três se-

manas, quando um grupo de xavantes chegou a invadir a sede da Funai e seqüestrar Santilli por uma hora. Santilli acha que o movimento foi patrocinado por funcionários da Funai. A prática continuou e Santilli saiu. Ele também estava sendo pressionado por líderes indígenas a se colocar contra o polêmico decreto 1.775, que instituiu o contraditório na demarcação de reservas (o direito de proprietários desapropriados contestarem a demarcação). Segundo os índios, 28 áreas já teriam sido ocupadas por fazendeiros e grileiros.

Para tentar mudar a imagem da entidade, o presidente da Funai implantou recentemente duas medidas polêmicas no trato direto com os índios: determinou que eles mesmo escolhessem os chefes de postos e estabeleceu critérios de distribuição de recursos a partir de projetos de investimentos feitos pelos próprios índios. Acostumados a receber sem ter de trabalhar, os índios estavam resistindo à nova forma de repasse, e querem dinheiro sem apresentar projetos.

O chefe de gabinete de Santilli, Jorge Porzobom, assume interinamente a presidência da Funai. Fontes do Palácio do Planalto informaram que o presidente Fernando Henrique Cardoso quer escolher um nome “duro” para a Funai. Será o ter-

ceiro presidente da fundação no governo Fernando Henrique.

ARMAS - Uma semana antes de deixar o cargo, Santilli tinha entregue a Jobim um projeto audacioso para tirar a fundação da inoperância na defesa das populações indígenas. Pelo projeto, a Funai ganharia poder de polícia na proteção e guarda das reservas indígenas. Pela primeira vez, os servidores da Funai teriam direito a portar armas, fazer prisões em flagrante e instaurar inquéritos policiais. Entre as funções da milícia da Funai estaria a de impedir a entrada de estranhos em terras indígenas, apreender minérios extraídos clandestinamente e cobrar multas de até R\$ 50 milhões por atividades lesivas aos índios.

Santilli também tentava emplantar, ainda no primeiro semestre deste ano, um concurso para a contratação de 580 servidores. Embora locais como Goiás tivessem uma administração com 140 funcionários para cuidar de 36 índios - já desfeita e remanejada -, há carência de funcionários em outros locais, como Rondônia, onde há apenas 50 funcionários. Dentro da proposta de reestruturação da Funai, está prevista ainda a elaboração do novo estatuto do índio, do novo regimento da Funai e a instituição de uma gratificação para quem trabalha nos postos avançados.